



A propriedade de escravos em Guarapuava no século XIX.

Fernando Franco Netto¹

1. Introdução

A partir dos dados das listas nominativas de habitantes dos anos de 1828, 1835 e 1840, de alguns inventários *post mortem* e dos registros do Recenseamento Geral do Brasil do ano de 1872, analisamos a propriedade de Guarapuava, bem como informações sobre as atividades dos escravistas e seu comportamento ao longo do tempo, abordando a composição dos plantéis dos escravistas e a distribuição de sua escravaria pela propriedade.

Na primeira metade do século XIX, observam-se fortes movimentos migratórios para a localidade em função das políticas de expansão da fronteira e de povoamento da região. Guarapuava é uma localidade com atividades voltadas para a pecuária e a criação de animais e com uma agricultura de alimentos ainda em formação.

Em 1828, essa localidade possuía 55 domicílios, com 16 deles sendo propriedades de escravistas, o que representa 29,1% das propriedades. Dessas 16, apenas uma era propriedade de absenteísta. Não conseguimos, porém, identificar as atividades em que os escravistas estavam envolvidos, pois os dados de 1828 não são completos. Só a partir dos registros da lista seguinte, a de 1835, é que conhecemos essas atividades, pois discriminam tanto a ocupação dos chefes de domicílios, como as diversas atividades em que estavam envolvidos – muitos tinham mais de uma atividade além da produção anual de suas propriedades.

¹ Professor Adjunto – Departamento de Economia – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná.

Nessa lista de 1835, encontramos o registro de 148 domicílios, 19 dos quais absenteístas. Havia escravos em 9 destes e em outras 21 propriedades, o que perfaz o total de 30 propriedades com escravos, ou 20,3% dos domicílios.

Em 1840, os domicílios eram em número de 143, com 3 propriedades pertencentes a absenteístas. No total, são 26 propriedades com escravos, portanto, 18,2% da amostra de domicílios, sendo que 2 eram de absenteístas.

A partir desses dados, podemos traçar o perfil dos proprietários e de suas propriedades, utilizando alguns indicadores que achamos importantes a fim de entender como estava composta a propriedade escrava em Guarapuava na primeira metade do século XIX. É fundamental entendermos que a economia local estava basicamente integrada à atividade de criação e comercialização de animais, bem como às atividades relacionadas à agricultura de alimentos. Isso é demonstrado quando apresentamos o quadro 11 com a ocupação dos proprietários.

No quadro 1, são apresentadas informações dos escravistas quanto ao número de propriedades para cada período das listas, o sexo do chefe da propriedade, o estado conjugal de cada um deles e a cor. Essas informações são importantes para traçarmos o perfil demográfico dos proprietários de escravos em cada período analisado.

Quadro 1. Características dos proprietários de escravos – Guarapuava – Anos Selecionados

Discriminação	1828		1835		1840	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Nº Propriedades	16	-	30	-	26	-
Sexo:						
Masculino	16	100%	28	93,3%	25	96,0%
Feminino	-		2	6,7%	1	4,0%
Estado Conjugal:						
Solteiro	4	26,7%	2	9,1%	17	26,1%
Casado	11	73,3%	20	90,9%	6	73,9%
Viúvo	-	-	-	-	-	-
Cor:						
Branca	12	80,0%	19	86,4%	21	91,3%
Parda	3	20,0%	3	13,6%	2	8,7%

Fonte: Listas Nominativas de Habitantes – Guarapuava, 1828, 1835 e 1840. Arquivo Público do Estado de São Paulo e Museu do Tropeiro em Castro, PR.

Gutierrez, em seu clássico estudo sobre os escravos e os senhores no Paraná, observa que, no Litoral, nos anos de 1804 e 1824, o percentual de proprietários de escravos foi de 20,3% e de 18,8%, respectivamente. Para o Planalto, esses números foram de 20,7% e de

18,9%, respectivamente². Dessa forma, Guarapuava mostrava suas especificidades de fronteira recente em comparação às outras áreas do Paraná, pois num período em que a propriedade de escravos estava na média de aproximadamente 19,0%, Guarapuava apresentava números em torno de 29,0%. Entretanto, não devemos esquecer que a região dos Campos Gerais mostrava diferenças com relação às outras áreas, visto que os proprietários de escravos de Castro, por exemplo, participavam com 25,7%; Palmeira com o surpreendente valor de 45,5% e Ponta Grossa com 27,1%. Assim, parece que a região como um todo se mostrava bastante peculiar em relação às outras áreas do Paraná.

Pelas modificações que estavam ocorrendo no número de propriedades com escravos – 16 propriedades em 1828, 30 em 1835 e 26 em 1840 –, parece que a localidade estava se caracterizando por movimentos de entradas e saídas de indivíduos no período.

Quanto às migrações, alguns comentários sobre suas particularidades entre os anos selecionados são pertinentes: dos 16 proprietários registrados em 1828, 11 permanecem na localidade quando dos registros da lista seguinte, 4 não aparecem mais na lista de 1835 e 1 está registrado em 1835 como “absenteísta”, mas sem escravo em sua propriedade. A movimentação dos escravistas pode ser vista a partir da tabela 2B (apêndice). Ali encontram-se os dados dos proprietários e das características de suas escravarias.

Em 1835, dos 30 proprietários registrados, 11 já estavam na localidade anteriormente e 18 proprietários são consequência das migrações para a região. Desses, 14 não aparecem mais na lista de 1840; 2 permanecem na localidade, mas sem escravos em suas propriedades e 9 migraram para a localidade naquele período, confirmando, portanto, os movimentos ainda permanentes de migrações para a localidade, mesmo que em menor grau. Assim, há 19 novos proprietários de escravos em Guarapuava em 1835, sendo que a grande maioria é de migrantes – apenas 1 proprietário com posse de escravo, Silvério Antonio de Oliveira, dono da escrava Isabel, já estava na região em 1828. Já para o ano de 1840, há 10 novos proprietários de escravos, sendo que apenas 2, Antonio de Sá Camargo, o Visconde de Guarapuava, e Pedro José Pereira, já estavam em Guarapuava nos anos anteriores.

Dos 16 proprietários registrados em 1828, 3 proprietários não aparecem mais com a posse de escravos no ano de 1835. Um deles é Manoel de Souza, que provavelmente saiu da localidade, uma vez que não encontramos esse proprietário nos registros nas listas de 1835 e 1840. O outro é Joaquim Batista dos Santos, que possuía a escrava Maria em 1828, não tinha registro de escravos em 1835 e, em 1840 possui 2 escravos. O terceiro, finalmente, é o senhor

² GUTIERREZ, Horácio. “*Senhores e escravos no Paraná, 1800-1830*” Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 1986. p. 29.

Atanagildo de Almeida, que tinha o escravo José em 1828, não possui nenhum escravo nos anos seguintes e provavelmente se deslocou para outra área, pois não há qualquer registro seu em 1835 e 1840.

Dessa forma, Guarapuava se apresentava como uma localidade de fronteira aberta, onde as propriedades eram caracterizadas por indivíduos que estavam chegando a todo o momento, mesmo porque, considerando o seu povoamento a partir do ano de 1810, a partir de quando foi definitivamente ocupada, até o ano de 1840, são 30 anos de intervalo. Assim, se considerarmos os indivíduos que possuíam escravos em 1828 e suas idades, verifica-se que o proprietário mais jovem possuía a idade de 22 anos, logo, todos eles eram migrantes. Em 1835, conforme já observado anteriormente, há 19 novos proprietários de escravos, sendo que apenas 1 já estava na localidade. Portanto, a maioria das propriedades pertence a novos habitantes que estavam chegando em Guarapuava naquele ano.

No ano de 1840, o perfil dos proprietários se modifica, pois são 9 proprietários de escravos de um universo de 26 propriedades. Além disso, destes, 2 já estavam na localidade nos anos anteriores. Enfim, das 26 propriedades de Guarapuava neste ano, apenas 7 são de “novos habitantes”. Pode ser que sua população estava se estabilizando no período, entretanto, podemos concluir que a grande maioria não era de indivíduos originários de Guarapuava.

As propriedades eram chefiadas por homens em sua maioria, tanto que, em 1828, todas elas eram dessa forma, enquanto que, em 1835, surgem duas mulheres como chefes de domicílios e, em 1840, há apenas uma mulher chefiando domicílio. Normalmente era essa a configuração das propriedades, com os chefes sendo do sexo masculino, enquanto as mulheres recebiam a propriedade quando do falecimento do marido ou mesmo por herança³. Fatores relacionados com a área de fronteira e com atividades voltadas para a agricultura e pecuária também poderiam favorecer a forte presença dos homens como chefes de domicílios.

Quanto ao estado conjugal dos proprietários, cabem algumas explicações sobre a metodologia utilizada para defini-lo, visto que nem todos os registros apresentavam o estado conjugal dos indivíduos. No caso da lista de 1828, a partir do quadro 1, observa-se que estão registrados 15 indivíduos com o estado conjugal, entretanto, o número total de proprietários é 16. Nesse caso, um proprietário, o Capitão Domingos Inácio de Araújo não teve registrado

³ José Flávio Motta estudando os proprietários de escravos em Bananal observa que “*esse pequeno peso relativo das mulheres entre os proprietários de escravos, decorre, em grande medida, do fato de a posse do plantel ser, como regra geral, sempre atribuída, no caso de escravistas casados, ao cônjuge do sexo masculino*”. Motta, José Flávio. “*Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*”. São Paulo, FAPESP, Annablume, 1999. p. 116.

seu estado conjugal. Sua propriedade aparece registrada como de “absenteísta” e, pelo que observamos, alguns registros específicos relacionados com esse tipo de propriedade não eram levantados, provavelmente porque, como se trata de uma propriedade onde seu chefe não residia permanentemente, não se levava em consideração as questões referentes ao proprietário, entre as quais, a que permitiria identificar seu estado conjugal.

Para os registros do ano de 1835, dos 30 proprietários listados, apenas 22 aparecem com registro do estado conjugal, pois se procede com os registros de “absenteístas” da mesma forma que em 1828 – encontramos, porém, o registro de alguns “absenteístas” no caso de proprietários com dois domicílios na localidade, sendo um registrado no rocio e outro na fazenda. Em tais registros normalmente aparece o estado conjugal do proprietário.

No ano de 1840, dos 26 proprietários de escravos, 23 aparecem com registros de seu estado conjugal, enquanto 2 deles também se classificam como “absenteístas” e sem registro do estado civil.

Assim, identificamos que a grande maioria dos proprietários de escravos de Guarapuava era casada, com poucos solteiros e nenhum viúvo fazendo parte dessa classe de proprietários, apesar de o comportamento relativo ser diferente nos anos selecionados. O fato de a maioria ser composta por casados e de não haver viúvos demonstram a idade possivelmente jovem da população.

Quanto à cor dos proprietários, verificamos a predominância de brancos em todos os anos selecionados, o que não é novidade se considerarmos a estrutura social da época. Apesar disso, encontram-se 3 proprietários nos anos de 1828 e 1835 e 2 em 1840 registrados como homens e de cor parda. Pelas características das listas, esses indivíduos eram pessoas livres, pois não há nada que os identifique como “libertos” ou “escravos”. Um deles era Jacinto Mendes Araújo, casado e detentor de 2 agregados em seu domicílio, sobre o qual há uma observação no ano de 1835 informando que possuía uma pequena sorte de campos. Sua principal ocupação estava relacionada com a criação e a lavoura de alimentos, como pode ser verificado no quadro 11, onde apresentamos as ocupações dos proprietários de escravos conforme registros nas listas. O outro proprietário era Antonio José de Souza, também casado, detentor de 2 agregados em seu domicílio e com registro de ocupação identificando-o como criador e lavrador. Finalmente, havia o proprietário Jacó Dias Siqueira, igualmente casado, detentor de agregados em seu domicílio e identificado como criador e lavrador. Pelos dados do quadro 11, verifica-se que sua propriedade foi uma das mais importantes na produção anual da localidade, ao menos no ano de 1835.

1.1 Idade média, domicílio e ocupação dos proprietários de escravos

As informações sobre as idades dos proprietários de cativos fortalecem a idéia de que a localidade tinha suas especificidades de fronteira recente, com fluxo populacional intenso. A maioria estava envolvida com as atividades da pecuária, criação de animais, invernagem, tropeirismo e agricultura de alimentos. As propriedades estavam formadas principalmente por casais casados, com filhos e agregados. Isso pode ser avaliado a partir dos dados incluídos no quadro 2.

Quadro 2 – Idade média, domicílios e ocupação dos proprietários de escravos.

Discriminação	1828		1835		1840	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Idade Média:						
. Proprietários	35,3		39,8		40,5	
. Cônjuges	28,4		30,3		32,4	
Espécie Domicílios						
Domicílios Singulares:	4	25,0%	2	6,7%	6	23,1%
. Solteiros Sós	1	6,2%	-	-	1	3,8%
. Solteiros Sós com agregados	3	18,8%	2	6,7%	5	19,1%
Domicílios Simples:	11	68,7%	19	63,3%	18	69,2%
. Casais	1	6,2%	4	13,3%	1	3,8%
. Casais com agregados	2	12,5%	9	30,0%	-	-
. Casais com filhos	5	31,2%	3	10,0%	5	19,1%
. Casais com filhos e agregados	3	18,8%	3	10,0%	12	46,3%
Domicílio Absenteísta:	1	6,2%	9	30,0%	2	7,7%
. Sós	-	-	5	16,7%	-	-
. Com agregados	1	6,2%	4	13,3%	2	7,7%
Total de Domicílios	16	100,0%	30	100,0%	26	100,0%
Ocupação:						
. Criação/Lavoura	10	62,5%	27	90,0%	17	65,4%
. Lavrador	2	12,5%	-	-	3	11,5%
. Negociante	-	-	-	-	1	3,8%
. Secos & Molhados	-	-	1	3,3%	-	-
. Inspetor	-	-	-	-	1	3,8%
. Padre	-	-	-	-	1	3,8%
. Sapateiro	-	-	1	3,3%	1	3,8%
. Carpinteiro	-	-	1	3,3%	-	-
. Soldo Militar	-	-	-	-	2	7,7%
. Indeterminada	4	25,0%	-	-	-	-

Total Ocupações	16	100,0%	30	100,0%	26	100,0%
------------------------	-----------	---------------	-----------	---------------	-----------	---------------

Fonte: Listas Nominativas de Habitantes – Guarapuava, 1828, 1835 e 1840. Arquivo Público do Estado de São Paulo e Museu do Tropeiro em Castro, PR.

A idade média dos proprietários é jovem em todos os períodos selecionados. Apesar de evoluir a cada lista, percebe-se que a diferença entre a idade média registrada em 1840 em comparação com a idade média registrada em 1828 é de apenas 5,2 anos. Isso é interessante, visto que o intervalo entre as duas listas é de 12 anos, portanto, como já relatado anteriormente, os proprietários de escravos em Guarapuava estavam não só formando e consolidando suas posses, como também migrando para a região. Da mesma forma, as características dos cônjuges são muito parecidas, pois nesse mesmo intervalo de 12 anos sua idade média cresce menos do que a dos proprietários, apenas 4,0 anos⁴.

O crescimento da idade média entre os anos de 1828 e 1840 está relacionado com o maior número de proprietários nas faixas etárias mais avançadas. Apesar disso, não se verificou crescimento nos casamentos em Guarapuava, pois, conforme os números do quadro 2, percebe-se que os proprietários casados perfazem 73,9%, enquanto que esse percentual foi de 90,9% em 1835, reduzindo para 73,9% em 1840. Tais índices se refletem na composição dos domicílios, pois, conforme pode ser visto no quadro 2, os classificados como “simples” reduzem sua participação de 68,7% para 63,3% em 1835, voltando a aumentar para 72,0% no ano de 1840. A redução que ocorre no ano de 1835, é reflexo do crescimento nos domicílios caracterizados como “absenteístas”, que pula de 1 para 9 domicílios, afetando, portanto, o porcentual a ser distribuído para os outros domicílios

No período 1828/1835 a concentração de proprietários se encontra na faixa etária de 30 a 39. Isso não significa que em 1828 essa faixa não tivesse alguma representação – naquele momento, essa faixa etária participava com quase 47% dos proprietários, mas em 1835 sua participação se eleva para aproximadamente 56%. Em consequência, os proprietários na faixa etária de 20 a 29 reduzem sua participação no período. Como se trata de um período em que as migrações de proprietários foram intensas, infere-se que a maioria dos que estavam chegando em Guarapuava estava na faixa etária de 30 a 39, o que se confirma, pois, dos 19 proprietários que migraram para a localidade entre os anos 1828 e 1835, 11 estavam nessa faixa de idade.

⁴ O cálculo da média de idade para os proprietários, bem como para os cônjuges, foi o resultado do somatório de todas as idades registradas nas listas dividido pelo número de registros encontrados. Cabe ressaltar que todos os proprietários na amostra são masculinos, pois as poucas mulheres não apresentaram registro de idade nas listas.

Já para o período 1835/1840, observam-se alterações no perfil dos proprietários, visto que sua população estava realmente ficando mais velha em consequência da maior estabilidade desses proprietários, bem como da menor intensidade nas migrações. São 7 proprietários migrando e destes três estão na faixa etária de 20 a 29; dois na faixa de 30 a 39; um na faixa de 40 a 49 e, finalmente, um na faixa de 10 a 19. Portanto, existe uma maior distribuição entre as faixas etárias, mas com tendência ao envelhecimento da população, haja vista que a faixa etária de 40 a 49 participa com 33%.

Se avaliarmos a grande faixa etária de 10 a 39 e a faixa a partir de 40 anos, verifica-se que, no ano de 1828, a participação de cada faixa foi de 73,4% e 26,6% respectivamente. No ano de 1835 essa participação foi de 69,5% e 30,5% e, finalmente, no ano de 1840, passa a ser de 45,9% e 54,1%. Enfim, todos esses dados sustentam que a população dos proprietários de escravos estava ficando mais madura em consequência das maiores possibilidades com relação às suas atividades.

A partir dos dados do quadro 3, que fornece informações sobre a idade média dos proprietários por tamanho do plantel, não se confirma, por exemplo, nos anos de 1835 e 1840 a tendência que encontramos para os proprietários de 1828 quanto à relação idade e tamanho dos plantéis. É importante destacarmos mais uma vez que o número de proprietários apresentados no quadro acima não representa a totalidade da amostra, pois alguns deles não possuem o registro da idade nas listas, como é o caso de um proprietário em 1828; sete em 1835 e dois em 1840.

Quadro 3 – Idade média dos escravistas por tamanho do plantel.

Faixa de Plantel	1828		1835		1840	
	Quant.	Idade Média	Quant.	Idade Média	Quant.	Idade Média
1	8	33,1	7	39,1	3	35,3
2	1	28,0	6	43,1	9	40,1
3	2	40,5	3	31,3	3	42,0
4	2	37,0	3	37,3	2	45,5
5			2	37,0	3	37,3
6	1	34,0	1	47,0	1	58,0
7					1	28,0
8						
9					1	32,0
10 +	1	49,0	1	56,0	1	58,0
Total	15	35,3	23	39,8	24	40,5

Fonte: Listas Nominativas de Habitantes – Guarapuava, 1828, 1835 e 1840. Arquivo Público do Estado de São Paulo e Museu do Tropeiro em Castro, PR.

Verificando por tamanho do plantel, observamos que a idade média dos proprietários para a faixa com apenas um escravo se altera com relação à lista de 1835, com média de idade

maior do que o intervalo entre as listas. Entretanto, para o ano de 1840 essa configuração se altera com a idade média dos proprietários se reduzindo para 35,3 anos. Ocorre que, dos oito proprietários listados em 1828, apenas dois continuam listados em 1835, com idade média de 45,5 anos, e cinco são novos proprietários, com idade média de 36,6 anos. Além disso, entre 1835 e 1840 há uma significativa redução no número de propriedades nessa faixa de plantel, com duas propriedades permanecendo entre uma lista e outra, cujos proprietários apresentavam idade média de 43,0 anos. Por fim, houve a migração para Guarapuava de um proprietário com a idade de 20 anos.

Para os proprietários com 2 escravos, a média de idade muda significativamente entre as listas, muito influenciada pelo número de proprietários, que cresce nos anos de 1835 e 1840, mas também pela possível consolidação dessas propriedades na localidade. Como pode ser observado no quadro 10, havia apenas uma propriedade nessa faixa de tamanho em 1828, enquanto que na lista de 1835 havia seis, sendo que a única propriedade de 1828 muda para uma outra faixa. Portanto, alguns dos proprietários com posse de dois escravos em 1835 são novos na localidade e quatro deles já estavam em Guarapuava em 1828, mas pertenciam a outra faixa de tamanho de plantel.

Em 1840, novamente se constata acréscimo de proprietários nessa faixa de tamanho de plantel, mas a idade média dos proprietários se reduz de uma lista para a outra. Dos nove proprietários em 1840, apenas dois já estavam na lista anterior, apresentando idade média de 39,0 anos; dois pertenciam a uma outra faixa de tamanho de plantel e apresentam idade média de 67,5 anos e cinco são novos moradores, com idade média de 29,6 anos.

Apesar de permanecer praticamente estável o número de propriedades com três escravos, a idade média dos seus proprietários varia bastante no período analisado. De 40,5 anos em 1828, reduz-se para 31,3 em 1835 e avança para 42,0 anos em 1840. Os dois proprietários de 1828 mudam de faixa de tamanho de seus plantéis. Pela idade registrada na lista em 1835, supõe-se que a idade média em 1828 é de 52,5 anos. Portanto, a alteração da posse afetou a idade média das propriedades com três escravos. Dos três proprietários registrados em 1835, um, de 24 anos, tinha dois escravos em 1828 e os outros dois são novos na localidade, apresentando idade média de 35,0 anos. Obviamente os números pequenos da amostra devem ser considerados para se explicar essas variações.

Desses três proprietários registrados em 1835, um aparece na lista de 1840, com idade registrada de 38 anos, e os outros dois não mais aparecem nessa lista. Dos dois proprietários restantes, um deles aparece na lista de 1835 com a posse de quatro escravos e na lista de 1840 sua idade é de 40 anos, enquanto o outro é novo na localidade e tem 48 anos.

Da mesma forma, as propriedades com quatro escravos permanecem estáveis durante o período analisado. Dos registros de 1828 para os registros da lista de 1835, a idade média dos proprietários foi a mesma, ou seja, 37 anos. Para que isso ocorresse, a movimentação dos proprietários seguiu as seguintes características: dos dois proprietários registrados em 1828, um reduz o tamanho de seu plantel, enquanto o outro aumenta o tamanho de seu plantel para seis escravos e os três proprietários de 1835 estão chegando em Guarapuava no período entre as listas.

Já em 1840, o número de proprietários com quatro escravos se reduz para apenas dois e, dos três proprietários que estavam registrados em 1835 com esse tamanho de posse, dois não mais aparecem em 1840 e um aumenta sua posse para cinco escravos. Os dois registrados em 1840 são Jacó Dias de Siqueira e Elias José do Espírito Santo, que possuía dois escravos em 1835.

Está havendo alguma movimentação nas propriedades com cinco escravos a partir da lista de 1835, pois não havia nenhum registro para esse tamanho de posse em 1828, entretanto é um tipo de propriedade que permanece estável durante o período entre as listas de 1835 e 1840. Também a idade média dos proprietários se manteve praticamente estável nas duas listas e isso é consequência da seguinte movimentação dos proprietários: uma das duas propriedades registradas em 1835 permanece na localidade em 1840 e a outra não; a propriedade de João Lustosa de Menezes aumenta sua posse de quatro para cinco escravos e, finalmente, há um proprietário que migra para a localidade no período.

Para a posse de seis escravos, tivemos apenas dois proprietários registrados nas listas aqui consideradas. A propriedade de Manoel de Souza, registrada na lista de 1828, desaparece das listas seguintes juntamente com seus escravos e em 1835 a propriedade de Manoel Mendes de Araújo aparece registrada com esse tamanho de posse. Apesar disso, encontramos algum tipo de discrepância com relação à idade desse proprietário, visto que em 1835 os registros indicavam a idade de 47 anos, enquanto em 1840 sua idade era de 58 anos.

Na lista de 1840, encontramos apenas um proprietário com posse de sete escravos e um com a posse de nove escravos. São eles, respectivamente, Antonio de Sá Camargo, que aparece na lista de 1828 sem escravos em sua propriedade, e Francisco Inácio de Araújo Pimpão, que migrou para a localidade no período, pois aparece nas listas de 1828 e de 1835. A única propriedade com 10 ou mais escravos registrada nas listas nominativas sempre pertenceu a Antonio da Rocha Loures, o que tem como consequência lógica a idade crescente de seu proprietário.

Com relação à estrutura domiciliar dos proprietários com escravos, é interessante verificarmos sua distribuição, considerando algumas peculiaridades da propriedade.

Em 1828, os domicílios simples eram maioria, com 68,7%. O tipo de domicílio formado por casal com filhos é o mais freqüente, com 31,2%. Num segundo plano, observa-se o domicílio formado por casal com filhos e agregados, com 18,8%. Não deixam de ser importantes os tipos de domicílios formados por solteiros sós, caracterizados como “singulares”, pois sua participação é de 25,0%.

Para o ano de 1835, constatamos importantes alterações com relação aos tipos de domicílios. Percebe-se que, apesar do crescimento no número de domicílios simples, a participação percentual desse tipo de domicílio no total se reduz de 68,7% para 63,3%. Isso acontece em função dos domicílios formado pelos “absenteístas”, que atingem o percentual de 30,0%. Além disso, o domicílio formado por casal com filhos cai de 31,2% para 10,0%. Isso porque os domicílios formados por casal sem filhos e aqueles com agregados estão crescendo na localidade, pois, se participavam com 18,7%, em conjunto, no ano de 1828, em 1835 sua participação salta para 43,3%.

No ano de 1840, com a redução de domicílios caracterizados como de “absenteístas”, a participação do domicílio do tipo simples volta a crescer no conjunto dos domicílios, pois participa com 72,0%. Entretanto, o domicílio singular também volta a crescer em termos absolutos e relativos no total, pois, se sua participação havia se reduzido para 6,7% em 1835, em 1840, participa com 24,0%. Portanto, o domicílio simples é aquele que predomina em Guarapuava no período.

Algumas variações importantes acontecem nos anos selecionados com relação aos proprietários e suas propriedades. Primeiramente, há a importante condição que assumem os domicílios “absenteístas” no ano de 1835. Esse tipo de propriedade foi uma das características da região dos Campos Gerais no Paraná. Os proprietários procuravam terras para alargar suas posses e sua criação, ao mesmo tempo em que organizavam essa unidade com administradores, capatazes, feitores, escravos e agregados.

Os domicílios formados por casais com filhos reduzem sua participação de 50,0% em 1828 e passa a ser de 20,0%. É o que acontece também com os domicílios classificados como simples, que reduz de 4 para 2 domicílios em 1835. As propriedades que possuíam agregados em suas posses, eram em número de 9 em 1828 e passam a ser em número de 19 em 1835. Em 1840, entretanto, a predominância dos domicílios com casais com filhos é evidente, com 65,4% deles. Os domicílios formados por casais sem filhos é que surpreende, pois em 28 sua participação era de 18,7%, passa a ser de 43,3% em 35 e finalmente em 40 reduz

significativamente para 3,8%. Para as propriedades classificadas como simples, apesar da redução importante que ocorre no ano de 1835, em 1840 sua participação no conjunto das propriedades volta a ser similar àquela que encontramos no ano de 1828.

Os domicílios “absenteístas” reduzem também sua participação, pois dos nove proprietários classificados em 1835, apenas dois aparecem registrados em 1840. Já para as propriedades que possuíam agregados em suas propriedades, praticamente 70,0% delas utilizavam essa mão-de-obra como fator fundamental na produção.

A dinâmica da propriedade e dos proprietários com relação à participação dos agregados também apresenta importante variação, pois esse tipo de mão-de-obra foi fundamental para as relações de produção e de integração com a sociedade local, uma vez que é crescente sua participação nos domicílios. Se em 1828 os domicílios com agregados possuíam participação de 56,2%, passam a participar com 60,0% no ano de 1835 e com 72,0% em 1840. Assim, os proprietários de escravos estavam estrategicamente organizando suas atividades a fim de utilizar tanto a mão-de-obra escrava como a dos agregados. Além disso, os números indicam que os homens tinham preferência em relação às mulheres, haja vista que havia no período 76 agregados e apenas 27 agregadas. Se excluirmos desse cálculo as crianças na faixa etária de 0 a 14, encontra-se um total de 63 agregados, sendo 50 homens e 13 mulheres, com razão de sexo de 384.

Considerações Finais

A propriedade de escravos em Guarapuava sempre foi muito pequena. Apesar disso, percebe-se que entre a primeira e a segunda metade do século XIX há o incremento no número médio de escravos nas propriedades. Todas essas propriedades estavam envolvidas com as atividades locais integradas à criação de animais e à lavoura de alimentos. Apesar desse pequeno número de proprietários de cativos em Guarapuava, se comparado com outros estudos com relação ao Paraná no mesmo período, verificamos que esse porcentual de escravistas não foi tão pequeno assim, pois se no Paraná foi de 19%, conforme estudos de Gutierrez, em Guarapuava, como visto acima, no ano de 1828 chegou a ser de 29%. Mesmo considerando os anos seguintes verifica-se um porcentual equivalente àqueles apresentados por outras localidades na região.

Essas propriedades também sofrem com o processo de migração, pois, das 16 registradas em 1828, 11 permanecem nos registros de 1835. Das 30 propriedades registradas neste ano, 18 são conseqüentes de migrações e 14 não reaparecem na lista de 1840. Por fim,

neste ano, 10 propriedades são de novos proprietários. Confirma-se, assim, que os movimentos migratórios estão sendo fundamentais na configuração das propriedades locais.

A maioria das propriedades é chefiada por homens. A grande massa de proprietários era casada, havia poucos solteiros e nenhum viúvo, demonstrando, assim, a forte possibilidade de serem pessoas jovens, confirmado pela idade média dos proprietários. Além disso, percebe-se que a propriedade escrava em Guarapuava seria mais pertinente a partir da consolidação do casal, ou seja, existe uma relação direta entre o número de propriedades com escravos com domicílios formados por casais, com ou sem filhos.

Quanto à cor, os proprietários eram predominantemente brancos, o que não é novidade, pois, se considerarmos a estrutura social da época, formada por grupos étnicos hierarquizados fortemente pela definição da cor dos indivíduos, percebemos que o *status* social pertence aos brancos.

As especificidades de fronteira determinavam as posses por indivíduos jovens e com intenção de consolidar seus domicílios, fazendo com que houvesse muitas migrações para a localidade. A diferença entre a idade média dos proprietários em 1840 em comparação com a idade média de 1828 é de apenas 5,2 anos, porém o intervalo é de 12 anos. Além disso, os proprietários com mais idade possuíam mais escravos do que os de menor idade.

Com relação à estrutura domiciliar, em 1828, a maioria era formada por casais com filhos (50%). O total de domicílios com agregados e escravos chega a 56%. Para o ano de 1835, os resultados são diferentes, pois os domicílios de maior peso são aqueles formados por casais sem filhos, além do crescimento entre as propriedades formadas por absenteístas.

Já em 1840, as propriedades com agregados sobre para 19, perfazendo 63% dos domicílios. A predominância dos domicílios com casais com filhos é a tônica, com 65%. Em função disso, há redução significativa de domicílios formados por casais sem filhos e dos absenteístas. As propriedades com agregados e escravos cresce para 70%, revelando certa estratégia por parte dos proprietários de escravos em possuir também a mão-de-obra agregada. A maior parte das propriedades possuía essa mão-de-obra conjuntamente com a dos escravos.

Com relação às ocupações dos proprietários os dados não deixam dúvidas de que a maioria dos proprietários estava envolvida com a pecuária e criação, pois são 11 no total em 1828. Dos 30 proprietários de 1835, 27 também estavam envolvidos com a atividade de criação e da lavoura de alimentos. Em 1840 as atividades também estão relacionadas com a criação e a lavoura, apesar de mudanças com relação à diversificação das ocupações dos proprietários.

Em termos de escravaria média, as propriedades possuíam 2,7 escravos em 1828. Em 1835, ela se mantém em 2,7, mas em 1840 salta para 3,6. Movimentos intensos de migração alteram a posse de escravos, afetados pela dinâmica econômica, em face da expansão da fronteira. Há importante crescimento das mulheres nos plantéis no período de 1828/1835, superando os homens, assim, a posse média, que era de 0,9 em 1828 passa a ser de 1,3 em 1835 para as mulheres cativas. Na segunda metade do XIX a posse média foi de 6,7 em função do fortalecimento de suas atividades econômicas, bem como do intenso comércio de animais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUTIERREZ, Horácio. “*Senhores e escravos no Paraná, 1800-1830*” Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 1986.

MOTTA, José Flávio. “*Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*”. São Paulo, FAPESP, Annablume, 1999.

MARCONDES, Renato Leite. “*A arte de acumular na economia cafeeira: Vale do Paraíba, século XIX*”. S. Paulo, Editora Stiliano, 1998.

SCHWARTZ, Stuart B. “*Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*”. S. Paulo, Cia das Letras, 1988.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Lista Nominativa de Habitantes de Guarapuava, 1828.

Lista Nominativa de Habitantes de Guarapuava, 1835.

Museu do Tropeiro da Cidade de Castro-Pr.

Lista Nominativa de Habitantes de Guarapuava, 1840.